

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

LUIZ AKIRA SOUZA DODO

**IDENTIDADE CORPORAL: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA
E O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL**

SÃO PAULO
2018

LUIZ AKIRA SOUZA DODO

IDENTIDADE CORPORAL: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Educação Física e Esporte da
Universidade de São Paulo para a obtenção da
Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira.

SÃO PAULO

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família. Meu pai Luiz, minha mãe Elisabete e minha irmã Cindy; meus primos Anderson, Andressa, Manoela, Tiago e Wallace; minhas incríveis tias Elizabeth, Emília e Nobuco: obrigado por todos ensinamentos, amor e carinho que sempre me proporcionaram.

Quero agradecer também a minha namorada, Marília, por estar sempre comigo. Grato por além de revisar este trabalho e ajudar com suas correções, aguentar-me com todo amor do mundo durante o estresse dos últimos meses.

Não poderia esquecer dos meus amigos – agradeço a todos eles, mas em especial a Elias Junior, Júlia Ine, Leonardo Scarano e Marcos Farah por estarem comigo durante meus anos de USP, tornando essa caminhada muito mais completa e especial.

Também gostaria de agradecer ao meu psicólogo Celso, por ter me ajudado dando ferramentas para superar meus impasses psicológicos e conseguir concluir este capítulo da minha formação.

Por fim, agradeço a todos os docentes e funcionários da Escola de Educação Física e Esporte, principalmente os da Licenciatura, que me trouxeram uma nova visão do mundo. Agradeço especialmente a Ana Zimmermann, por aceitar fazer parte da banca de avaliação deste trabalho, e a meu orientador Marcos Neira, por toda compreensão, apoio e dedicação na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

DODO, Luiz Akira Souza. **Identidade Corporal: A Influência da Mídia e o Papel da Educação Física Cultural**. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Educação Física e Esporte – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RESUMO

Os conflitos sociais assumiram, nos dias atuais, uma conotação mais ampla, tornando-se conflitos de identidades. As identidades se constituem em meio a relações de poder inseridas num certo sistema social e cultural – sistema esse que, hoje, é praticamente unificado devido à aproximação cultural gerada pelas novas mídias e tecnologias. A mídia utiliza discursos e signos para fixar e promover certas identidades em detrimento de outras, resultando na marginalização daquelas que fogem ao padrão. O fenômeno pode ser observado na identidade corporal, quando se elege um único tipo de corpo como belo. A busca dessa referência, via de regra, desencadeia preconceitos com os demais corpos, muitas vezes trazendo prejuízos físicos, mentais e financeiros às pessoas. Para minimizar os problemas causados pelos discursos midiáticos sobre o corpo, a perspectiva cultural Educação Física desencadeia situações didáticas de problematização e desconstrução. Tal constatação advém das análises realizadas dos relatos de experiência elaborados por professores que assumem atuar em conformidade com a proposta.

Palavras-chave: identidade, corpo, mídia, cultura, padrão, discurso, escola, Educação Física.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 IDENTIDADE E DIFERENÇA	8
2 O PAPEL DA MÍDIA	14
2.1 Mídia e Identidade Corporal	17
2.2 Refletindo a Mídia	21
3 IDENTIDADE E PRÁTICAS CORPORAIS	24
3.1 Tematizando a Ginástica	25
3.2 Tematizando a Dança	28
3.3 Tematizando o Atletismo	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
RELATOS DE EXPERIÊNCIA CONSULTADOS	42

INTRODUÇÃO

Ao acessar os meios de comunicação na atualidade, é notável que alguns assuntos estão sempre em evidência: fala-se sobre esporte, política, economia, entretenimento, cultura, ciência. A questão da identidade corporal se faz presente no discurso midiático de diferentes formas: matérias jornalísticas que abordam o corte de cabelo¹ e a forma física dos atletas para além do desempenho esportivo²; textos que ressaltam a “beleza” da atual primeira dama³; críticas às cirurgias plásticas⁴ feitas e aos quilos perdidos ou ganhos⁵ por celebridades; reportagens sobre aquela dieta que supostamente vai deixar o corpo “perfeito” para o verão⁶. Isso acaba por forjar padrões que tendem a serem seguidos por quem é alcançado pelas mídias - o que, hoje em dia, significa praticamente toda a população.

Além dessa constante propagação de identidades corporais, percebe-se também o esforço que algumas pessoas fazem para atingir os padrões estabelecidos. Esse esforço acaba, em alguns casos, saindo do controle do indivíduo e gerando diversos problemas de saúde, tanto físicos quanto mentais – problemas estes que podem ser notados em pessoas de diversas idades, desde os mais jovens até os adultos. Dois dos principais exemplos são os distúrbios de imagem corporal e os transtornos alimentares.

Também é nítido que o apelo ao corpo feminino é maior do que ao masculino e que aquelas pessoas que não conseguem atender ao solicitado acabam por sofrer certa exclusão e, principalmente, preconceitos. Este cenário é bastante grave, ainda mais se constatado que isso ocorre até mesmo entre as crianças dentro do ambiente escolar.

¹ UOL. “Neymar retoca o penteado antes de enfrentar a Bélgica; veja o resultado”. Disponível em: <<https://bit.ly/2NCFbY6>>. Acesso em 11 out. 2018.

² R7. “Cristiano Ronaldo revela segredos do seu tanquinho”. Disponível em: <<https://bit.ly/2yB5Qz4>>. Acesso em 11 out. 2018.

³ VEJA. “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”. Disponível em: <<https://abr.ai/2pMijfo>>. Acesso em 11 de outubro de 2018.

⁴ REVISTA QUEM. “Mais plásticas? ‘Novo rosto’ de Khloé Kardashian surpreende fãs”. Disponível em: <<https://glo.bo/2IOJT4h>>. Acesso em 11 out. 2018.

⁵ REVISTA GLAMOUR. “Com 15 kg a menos, Fani Pacheco está se redescobrando: ‘Estou com garra para poder ser feliz de novo’”. Disponível em: <<https://glo.bo/2PupUdE>>. Acesso em 11 de outubro de 2018.

⁶ TERRA. “Veja como é possível perder peso até o verão com a dieta de frutas e legumes”. Disponível em: <<https://bit.ly/2Nyysi4>>. Acesso em 11 out. 2018.

Devido à importância do assunto, a presente pesquisa investigou como os professores que atuam na perspectiva cultural da Educação Física problematizam os discursos midiáticos sobre o corpo nas suas aulas. A opção por essa concepção de ensino se deve ao fato de buscar inspiração nos Estudos Culturais na sua vertente pós-estruturalista, o que a leva a assumir o compromisso com a problematização das representações construídas sobre as práticas corporais e seus representantes e, também, com a desconstrução dos discursos que produzem determinadas identidades. Para tanto, recorreu à pesquisa bibliográfica sobre o tema e procedeu à análise crítica de três relatos de experiência com a proposta, confrontando-os com os referenciais dos Estudos Culturais.

1 IDENTIDADE E DIFERENÇA

Para os Estudos Culturais⁷, na sua vertente pós-estruturalista, as identidades são formadas dentro de certos contextos culturais e sociais – os chamados sistemas de representação. Elas, ainda, são afirmadas, colocadas em evidência e reproduzidas pela mídia, pelas relações sociais e por livros através da linguagem e dos signos – o denominado discurso –, que são evidenciados ou marginalizados através de relações de poder as quais acabam por definir e classificar o grau de importância de cada identidade.

Os sistemas de representação classificam o mundo e nossas relações no seu interior, Segundo a professora e socióloga Kathryn Woodward (2009, p. 17), “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”.

A diferença é parte fundamental na construção das identidades, já que elas são fabricadas por meio da marcação da diferença. Woodward (2009, p.39) explica que essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social – os quais diferenciam, assim, as identidades. Nas relações sociais através desses sistemas simbólicos e da exclusão social busca-se classificar a população em pelo menos dois grupos opostos (nós/eles), sendo que um deles, devido a uma relação de poder, é associado a símbolos que sugerem coisas positivas para esse grupo (nesse sistema de representação) e são colocados em um patamar superior socialmente aos outros grupos e isso é afirmado constantemente pelos discursos vigentes, conseguindo afirmar e se manter em uma posição de poder em relação aos outros grupos.

Um exemplo pelo qual se pode identificar essa marcação de diferença é a identidade corporal. Nela, tem-se a identidade dominante, mais exaltada na sociedade atual, que é a esbelta, “malhada”, com cabelos claros e lisos, pele normalmente branca e roupas da moda; do outro lado, há aquela colocada à

⁷ De acordo com Nelson, Treichler e Grossberg (2008), os Estudos Culturais têm como principal objetivo compreender “as relações entre a cultura contemporânea e sociedade. Do ponto de vista político, [...] objetivam construir um projeto de transformação social e, do teórico, pretendem compor um novo campo conceitual interdisciplinar e comprometido com o exame das práticas culturais, considerando seu envolvimento com e no interior das relações de poder”.

margem, que está acima do peso, com cabelos crespos e pele escura. Essas diferenças são criações culturais e sociais, usadas para diferenciar um grupo não apenas por aquilo que seus integrantes têm ou podem ter, mas também pelo que os outros, que estão de fora, não têm ou não podem ter. Elas diferenciam, ainda, os lugares os quais um pode e o outro não pode frequentar. Entende-se, pois, que a diferença e a identidade são interdependentes.

Em geral consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto é a tendência a tomar aquilo que somos como sendo norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. (SILVA, 2000, pp.75-76)

Como dito, as identidades são construídas cultural e socialmente, e são comumente analisadas sob duas perspectivas: as identidades essencialistas, as quais buscam fixar as singularidades de certos grupos, seja através da história de cada grupo ou por suas afirmações biológicas, afirmando, através de discursos de grupos que estão no poder, a existência de características fixas, imutáveis, que se mantem ao longo do tempo, e não são negociáveis, fazendo da diferença o completo oposto da identidade e sendo ela vista muitas vezes como uma ameaça, que deve ser combatida; e as identidades não essencialistas, as quais, apesar de não descartarem o passado dos grupos, acreditam que a formação da identidade seja algo fluido, em constante mudança e reconstrução.

Tomaz Tadeu da Silva (2009) explica que todos os essencialismos nascem do movimento de fixação que caracteriza o processo de produção da identidade e da diferença. Esse formato é muito utilizado para afirmar as identidades nacionais, nas quais se busca, através do passado, propagar histórias e características que deem sentido a um país para que, com essa marcação de diferenças, justifiquem-se alguns conflitos ou se coloque o país em uma posição de superioridade em relação aos outros.

Determinada comunidade buscar recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história de uma cultura partilhadas que poderiam, então, ser representadas, por exemplo, em uma forma cultural como o filme para reforçar e reafirmar a identidade. (WOOWARD, 1997, p.28)

E as identidades não essencialistas, as quais, apesar de não descartarem o passado dos grupos, acreditam que a formação da identidade seja algo fluido, em constante mudança e reconstrução. Existe portanto uma ação, uma participação do indivíduo na formação de suas identidades, que são atravessados por discursos, dentro de um sistema de representação, e com a subjetividade de cada um produzem certos significados, fazendo com que o indivíduo possa se posicionar, entendendo a qual grupo pertence ou se sente representado. “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos.” (WOODWARD, 2009, p.17). Nele, é questionada a estabilidade das identidades essencialistas, não se aceitando que as histórias e o passado fixem certas identidades sem que elas sejam questionadas e a diferença não é vista como algo oposto que deve ser excluído, mas sim como parte da identidade. A identidade e a diferença são ativamente produzidas, pois elas não são criaturas do mundo transcendental, mas sim do mundo cultural e social. Segundo Silva (2009, p.76), somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.

Vê como “uma questão tanto de tornar-se” quanto de “ser”. Isso não significa negar que a identidade tenha passado, mas reconhecer que ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação. (WOODWARD, 2009, p. 28)

Essas identidades e diferenças construídas dentro de um sistema de representação, com seus aspectos culturais e sociais, só podem ser entendidas se observadas dentro desse sistema. Como visto anteriormente, esse sistema não é algo fixo: ele é construído ao longo do tempo e de acordo com relações de poder que buscam colocar uma ou outra identidade em evidência – não é diferente com a identidade corporal, como salientado a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna:

Pernas juntas, vestidos compridos, cabelos seguros por grampos e laquê, seios dentro do sutiã de bojo, ventre comprimido por “cinturita”: até meados da década de 1950, é comum encontrar esse tipo de corpo feminino nas revistas brasileiras. Não demorará muito, contudo, para que nele seja apontado excesso de rigidez, uma artificialidade intolerável para os emergentes brotinhos, novas candidatas à aquisição de liberdade corporal e autenticidade dos sentimentos. Numa época de substituição do lânguido glamour pelo picante sex-appeal [...] Mulheres vestindo jeans, com cabelos

em desalinho, ou exibindo pernas e braços nus, mulheres de biquíni, saltando e correndo com cabelos ao vento, sugerindo uma total indiferença à presença do olhar alheio: na revista Cinelândia, os relatos de atrizes transpirando uma liberdade física outrora considerada signo de imoralidade viram moeda corrente. (SANT'ANNA, 2001, p. 65-66)

Para entender as identidades, é necessário que o indivíduo consiga encontrar seu lugar dentro do sistema. Cada indivíduo possui sua subjetividade, uma própria compreensão sobre si mesmo a qual pode envolver questões conscientes e inconscientes. Quando se relaciona com o meio cultural e social de um sistema de representações, essa subjetividade acaba por forjar a qual grupo identitário cada um pertence ou se sente representado, aproximando ou afastando os indivíduos. Então, ao ser afetado pelos discursos e signos, as posições que assumimos e com as quais nos identificamos formam a nossa identidade. Ao ver a identidade como uma questão de “tornar-se”, aqueles os quais reivindicam a identidade como tal não se limitariam a serem posicionados por ela: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum, de acordo com Woodward (2009, p. 28).

É necessário que o indivíduo saiba sua posição de sujeito, pois, por fazerem parte de um meio social, as identidades são classificadas através dos discursos e da linguagem, envolvendo-as em uma relação de poder. Uma identidade nunca é somente diferente da outra: existe uma diferenciação entre elas, uma hierarquia na qual uma é superior a outra – como na identidade corporal, na qual, através de relações de poder algumas características têm vantagens sobre outras. Se uma pessoa tiver pele branca, ela estará em um grupo dominante; caso seja também magra, hetero e de uma classe social elevada, essa pessoa pertencerá a um grupo com ainda mais privilégios.

Essa diferenciação na classificação é dada porque, normalmente, um grupo que esteja no controle, no poder, em uma classe social privilegiada usa seus argumentos de forma essencialista, afirmando certas características como superiores para, assim, manter-se como dominante. Segundo Woodward (2009, p.82), as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, nesse caso, também hierarquizar. Deter o

privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.

Uma das maneiras mais simples de se hierarquizar é fixando e normalizando uma identidade como a superior, a correta, aquela a ser seguida para estar dentro dos padrões positivos. Ao se fazer isso, as relações de poder se manifestam, pois surge um cenário com o grupo privilegiado e o grupo marginalizado, em que um tenta sempre se afirmar para estar no poder, enquanto o outro tenta desestabilizar a ordem imposta pelos detentores do privilégio de classificar as coisas.

Processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade, do outro, os processos que tendem a subvertê-la e desestabilizar. (SILVA, 2009, p.84)

Com essas classes indenitárias e os embates entre fixação e subversão desses poderes, começa a ocorrer uma mudança no panorama dos conflitos sociais. As lutas das classes sociais perdem um pouco de espaço, surgindo as lutas das diferenças e das identidades. A essas lutas é dado o nome de **novos movimentos sociais**, onde se encontram o movimento negro, o movimento feminista, o movimento LGBTQ, entre outros. Segundo Woodward (2009, p.31), identidades e as lealdades políticas têm sofrido mudanças: lealdades tradicionais, baseadas na classe social, cedem lugar à concepção de escolha de “estilo de vida” e à emergência da política de identidade. Para se preservarem em uma posição dominante, esses grupos se utilizam da repetição discursiva para afirmar e fixar um sistema de representação favorável, no qual suas identidades se mantêm como soberanas. Atualmente, esses discursos são muito propagados através da mídia, das redes sociais e, às vezes, até mesmo nos sistemas educacionais.

Por outro lado, os novos movimentos sociais lutam para contestar essa estabilidade discursiva das majorias, questionando suas identidades e seus sistemas de representação, que dão sustentação para essas identidades serem afirmadas. A essa luta dá-se o nome de **política de identidade**, a qual busca afirmar as identidades de grupos marginalizados. Já se observa que, por meio de contestação e luta, novas identidades estão sendo forjadas.

Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstruem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sobre formas particulares no mundo contemporâneo [...]. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. (WOODWARD, 1997, p.25)

Sendo a identidade e a diferença elementos da cultura e fontes de conflito para se dar significados, é necessário que exista uma tentativa de problematização desse assunto nos meios em que são propagadas – como na mídia e, principalmente, nas escolas. De acordo com Silva (2009), a pedagogia e o currículo escolar deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento aos sistemas e às formas dominantes de representação da identidade e das diferenças.

O contato com o outro, com o diferente é inevitável; portanto, é necessário que ocorra essa resignificação das relações com as identidades e seu sistema de representação, para que eles sejam mais fluidos e menos fixos. A cultura e a sociedade estão em constantes mudanças; logo, é recomendável que nossas percepções e posições perante esse mundo também sejam mais móveis.

Um importante instrumento para essa fixação e para a mudança é a mídia e seus meios de comunicação, pois ela é detentora do poder de propagar os discursos forjados dentro de um sistema de representação. A forma como a mídia trabalha esses discursos é primordial para definir as relações de poder entre qual identidade será exaltada e qual será colocada a margem.

Assim, é essencial compreendermos qual é o papel da mídia na produção da identidade e da diferença, sabendo que cada vez mais somos afetados pelo seu discurso. Além disso, também deve-se buscar entender como podemos ser mais ativos perante a isso, para que exista um questionamento sobre como e porque a mídia molda algumas identidades como sendo apropriadas e outras não apropriadas.

2 O PAPEL DA MÍDIA

Como previamente discutido, as identidades são forjadas dentro de um certo meio social e cultural – os chamados sistemas de representação –, propagado e evidenciado através dos seus signos e de seus discursos. Atualmente, a mídia e seus meios (como televisão e mídias sociais) têm um papel fundamental na disseminação de discursos que certamente impactam na constituição de identidades, geralmente aquelas que estão em uma posição superior nas relações de poder. Esses meios se tornam, assim, um local no qual as pessoas adquirem conhecimento e informação; entretanto, muitas vezes essas ideias vêm sem um questionamento, o que pode ampliar e perpetuar algumas desigualdades. Então, é necessário que sejamos mais criteriosos e atentos com o que a mídia nos mostra. Segundo Neira, Santos Júnior e Santos (2009), as revoluções nos sistemas de informação e comunicação – como a televisão – tornam cada vez mais problemáticas as separações e distinções entre o conhecimento cotidiano e o conhecimento escolar.

O campo teórico denominado de Estudos Culturais concebe a cultura como um território em conflito, um espaço de luta pela validação de significados. Tanto a mídia como a pedagogia escolar são artefatos culturais, ou seja, sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, num contexto permeado por relações de poder. A crítica da mídia torna-se, assim, legitimamente, também crítica cultural. Junto com o conhecimento escolar, temos o conhecimento cotidiano, que, no passado, provinha de histórias contadas pela família, por livros e músicas. Hoje, quem costuma propagar esse conhecimento são os meios de comunicação da mídia, mas de uma forma muito mais atrativa. Suas ações são mais significativas e passam uma credibilidade muitas vezes tida como inquestionável, por adotarem um modo coloquial de comunicar a informação. A esse modo de agir da mídia pode se dar o nome de **televisibilidade**.

A partir do registro dos recursos de linguagem e da definição de “televisibilidade”, selecionamos um grupo de “categorias” assim discriminadas: a auto referência (o modo como a TV fala de si mesma através de diferentes produtos); a repetição (imagens e estruturas que

retornam, propiciando tranquilidade, prazer e identificação); o aval de especialistas (para a legitimação das verdades narradas); a informação didática (colocando o espectador na posição de quem deve ser cotidianamente ensinado); a opção por um vocabulário “facilitado”, traduzido, especialmente quando relacionado a termos técnicos; a reiteração do “papel social” da TV (o veículo apresentando-se como denunciador dos problemas sociais e, igualmente, como fonte das soluções possíveis; em suma, como um lugar “do bem”); a caracterização da TV como lócus da “verdade ao vivo”, da “realidade” (especialmente, nas transmissões ao vivo e na busca de imagens que “reproduzam o real”, mesmo em comerciais e telenovelas); a transformação da vida em espetáculo (seja nas produções ficcionais, seja nos materiais informativos *stricto sensu*); a caracterização da TV como o “paraíso dos corpos (particularmente, dos corpos jovens e belos); a reprodução na TV de práticas e normas nitidamente “escolarizadas”. (FISCHER, 2002, p.156)

Com esse grupo de ações, a mídia propaga, então, as ideias de grupos dominantes e acaba por definir um padrão – tido como correto – de como devemos ser, nos vestir, nos portar e a quais lugares devemos ir. Como vimos, essa divisão é binária, mesmo que implicitamente, pois ao definir o que é certo, também define o que é errado e o que não se deve seguir. É o controle identitário definido por alguns grupos dominantes, os quais monopolizam as maiores redes de televisão e definem como devemos ser. Com o poder nas mãos de poucos, é difícil que ocorra alguma mudança, pois os valores pertencentes a outras culturas têm pouco ou nenhum espaço na grande mídia e, quando aparecem, possuem um espaço muito bem demarcado. Essas diferenças poderiam ser reguladas pelo Estado; contudo, isso fica por conta do mercado, ligado aos grandes grupos de televisão e que tem como principal objetivo o lucro. Portanto, enquanto a mídia continuar nas mãos dos mesmos detentores de poder, dos monopólios, que propagam a mesma cultura dominante, sem que haja muitos questionamentos, elas continuarão regulando o que é e o que não é transmitido.

Seja o que for que tenha a capacidade de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de regular as práticas culturais, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural. Temos em mente aqui, por exemplo, o poder de controlar a quantidade e o tipo de imagens de televisão de origem estrangeira a serem irradiadas por satélite para os lares de toda a

nação, ou o poder de decidir que tipo de publicação pode ou não ser vendida aos menores, ou questões políticas ainda mais abrangentes tais como as que se referem à quantidade de notícias oferecidas ao cidadão, através dos principais canais de televisão, como sendo uma matéria de política pública, deixada à auto-regulação das próprias autoridades da TV. (HALL, 1997, p.35)

É impossível negar o papel da mídia e a influência que ela exerce nas sociedades atuais. Ela é importante transmissora de valores sobre como somos ou deveríamos ser e faz parte da formação dos indivíduos, assim como a escola, a família, as religiões. Através dela, em muitos casos, espelham-se o local de sujeito de muitos grupos, de muitas minorias. Esse é um local de disputa de poder não só de entretenimento, como muito se tenta passar. Contudo, essa disputa é injusta na maioria das vezes, pois quem está no poder são as grandes organizações, as quais vão continuar a propagar modelos culturais que as mantenham sempre em evidência, sem perder seus privilégios.

Com a globalização, isso se tornou ainda mais fácil e evidente, pois nem os países subdesenvolvidos conseguem manter suas características culturais, com a informação chegando via internet, filmes e noticiários internacionais. Existe um padrão praticamente mundial de como devem ser as coisas. As barreiras continentais foram quebradas, notícias do mundo todo circulam em questões de segundos e, muitas vezes, em tempo real. Segundo o autor William E. Biernatzki (2000, p.60), a hegemonia das culturas regionais e nacionais era, anteriormente, protegida pela distância e por barreiras geográficas. Agora, contudo, nem o Estado Moderno e nem a esfera pública da sociedade podem monopolizar as imagens de seu povo. Os contornos que definem a identidade cultural podem ser mais influenciados pelas transmissões via satélite – através das quais as pessoas recebem sua programação – do que por qualquer outra divisão cultural ou política.

As informações chegam por todos os lados: aparelhos celulares, televisão, rádio, anúncios no transporte público, revistas. A linguagem é fácil e extremamente atrativa a todos os públicos, disfarçada de entretenimento ou através de uma transmissão simplista da informação. Esses discursos, repletos de signos e significados, acabam por atuar subjetivamente nos indivíduos, com a intencionalidade de propagar ideias e modelos de vida e de ver o mundo.

Então como diz o teórico cultural Stuart Hall, é importante sabermos como a cultura é modelada, controlada e regulada, pois a cultura, por sua vez, *nos governa*. Segundo ele, “ela regula nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla” (1997, p.39).

É essencial tomar conhecimento de como a mídia atua em relação à cultura para que seja possível resistir, questionar e dar novos sentidos ao que é visto, não ficando somente passivos ao que é apresentado. A aceitação e propagação dessas ideias muitas vezes podem prejudicar outras pessoas e colocar os grupos já excluídos – os quais não se encaixam nos padrões – ainda mais à margem da sociedade, ampliando desigualdades e conflitos.

2.1 Mídia e Identidade Corporal

Uma questão muito abordada pela mídia, na busca de fixar signos e significados de um certo sistema de representação, é a identidade corporal. A busca incessante por criação de padrões de corpo perfeito a serem atingidos é vista em todos os meios de comunicação: são revistas especializadas em falar sobre o corpo, são propagandas de TV com variados produtos de beleza, são matérias em sites de entretenimento exaltando a perfeição dos corpos de pessoas famosas ou questionando sobre qualquer quilograma a mais que a pessoa possa ter ganhado. O corpo belo, magro, branco e jovem é um dos principais meios de propagação de uma identidade dominante utilizado pela mídia. A qualquer momento que se ligue a televisão ou acesse um endereço virtual na internet, encontram-se notícias sobre corpos perfeitos e a exposição destes. No Brasil, segundo a PNAD Contínua TIC de 2016 do IBGE⁸, 97,2% dos domicílios possuem televisão; para internet, a porcentagem chega a 69,3%. Os números mostram o alcance das mídias na vida cotidiana.

Outro “sintoma” tornado visível nessa pesquisa é o que diz respeito à quase impossibilidade de, nos espaços da mídia, deixar de se falar em corpo e sexualidade. Eu diria que essa marca da mídia seria uma espécie de

⁸ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) sobre o ano de 2016 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<https://bit.ly/2u9D4DN>>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

desdobramento do problema, tão discutido em nossos dias, da farta exposição da privacidade nos espaços dos meios de comunicação. Hoje não haveria praticamente um lugar, um dia de nossas vidas em que nós não sejamos chamados ou a cuidar de nosso corpo ou de olharmos para nossa própria sexualidade. Os imperativos da beleza, da juventude e da longevidade, sobretudo nos espaços dos diferentes meios de comunicação, perseguem-nos quase como instrumento de tortura: corpos de tantos outros e outras nos são oferecidos como modelo para que operemos sobre nosso próprio corpo, para que o transformemos, para que atinjamos (ou que pelo menos desejemos muito) um modo determinado de sermos belos e belas, magros, atletas, saudáveis, eternos. (FISCHER, 2002, p.160)

Em muitos casos, a mídia se utiliza de uma forma essencialista para que não haja discussão sobre o que é dito, usando argumentos biológicos e médicos para defender esses padrões corporais e o uso de produtos; ela mostra que, caso escolha por não seguir esses padrões, a pessoa estará se importando menos com a própria saúde e será posta à margem na sociedade. Uma questão importante nesse processo de corpos perfeitos é o seu “propagandeamento” na mídia. Pois isso não é algo natural, mas o assunto não é falado e nem questionado. O sujeito fica passivo ao que é colocado para ele e não percebe todas as mudanças recebidas por esse corpo, seja através de cirurgias plásticas ou da tecnologia das edições computadorizadas para tirar algumas ditas “imperfeições” dos corpos ali expostos.

Além de não falar sobre o assunto de uma forma a conscientizar as pessoas da não existência de um corpo perfeito, o mercado acaba por propagar a ideia de que a beleza deve ser alcançada a qualquer custo, seja com dietas milagrosas – as quais muitas vezes levam a quadros de distúrbios alimentares –, seja com cirurgias plásticas, que podem levar pessoas a buscar clínicas clandestinas por não terem condições de custear o procedimento em um lugar seguro. Tudo isso devido a um discurso no qual um corpo é bonito e merece tudo que se pode oferecer, enquanto o outro é feio e deve ficar recluso e excluído, pois está fora do padrão. Percebemos aqui como funciona a relação identidade-diferença, discutida anteriormente, dentro de um sistema de representação se estabelece um discurso, devido ao impacto dos meios de comunicação midiáticos nos dias atuais (relação de poder), onde uma certa identidade corporal é a que vale, é a que todos devem pertencer, caso a pessoa seja diferente disso, ela é excluída e acaba induzida a fazer de tudo para conseguir entrar nesse padrão fixado pela mídia.

Portanto, a maioria da população está em busca de um discurso inatingível, pois mesmo com todos os possíveis procedimentos estéticos a serem feitos, o que é exposto pela mídia conta com jogo de câmera, truques de luz e edição, formas estratégicas de posicionar o corpo para parecer mais magro e mais de acordo com o que pretende se mostrar.

Assim, sentimo-nos impelidos a assumir determinadas práticas que, mesmo com muito esforço, jamais resultarão nos objetivos desejados. Aqui se desvela toda a artimanha do processo: o que importa é perpetuar a busca do corpo jovem, manter viva a esperança no alcance da imagem perfeita, mesmo que se trate de um objetivo inalcançável para a grande maioria das pessoas. (KONDRATIUK, 2013, p.182)

Além desse ideal corporal ser inatingível por utilizar artimanhas médicas e digitais no momento de serem expostos, existe um outro fator que gera influência: o fator econômico. Procedimentos estéticos são extremamente caros e poucas pessoas podem arcar financeiramente com eles. Então, a busca por esse corpo pode ser um risco à saúde mental e física da pessoa quando se buscam equipamentos clandestinos para se fazer tais ações.

Muitas vezes a publicidade é direcionada às classes mais altas, as quais podem comprar os artigos anunciados; porém, sua maior audiência está entre os pobres, que jamais poderão comprar tais mercadorias. Isto não apenas desvia dinheiro e atenção das prioridades nacionais de desenvolvimento, segundo o autor, mas pode também contribuir com a crescente frustração, ajudando a gerar conflito entre classes e revoltas econômicas e políticas. De acordo com ele, há casos de produtos tão inapropriados às circunstâncias locais que podem até causar mal-estar físico. (BIERNATZKI, 2000, p.57)

A mídia tem seu modo de lidar com as diferenças, podendo utilizar nomenclaturas, signos e discursos para representar cada um dos grupos. A questão é como isso é regulado, como são tratados os excluídos e a que ponto as diferenças acabam por ser normalizadas. Ao representar o corpo perfeito, a mídia exclui os corpos que não se encaixam nesse formato. Isso acaba se tornando uma corrida sem fim a busca de um corpo dito ideal, principalmente para as mulheres, as mais atingidas por essa cobrança. Coloca-se sempre um discurso no qual mulheres devem perder peso e se encaixar em padrões, pois não poderá alcançar seus

desejos senão o fizerem. É, praticamente, uma questão de vitória pra quem consegue e derrota para quem não consegue; é uma cobrança contínua para que se siga um padrão.

Como se nota, perder peso, ser uma mulher magra, significa adequar-se à norma. Em oposição, prosseguir com o mesmo peso significa fracassar. A mensagem é explícita, revela seu tom regulador ao classificar “quem consegue” como detentor do sucesso, alocando o fracasso subjetivamente em quem não consegue. Em contraponto à beleza descoberta pela mulher magra, está a feiura de quem não o é. Tais sistemas classificatórios influem diretamente na teia de relações sociais cotidianas, já que as ações em relação às pessoas se modificam a depender das categorias em que são enquadradas segundo os códigos culturais. (KONDRATIUK, 2013, p.183)

Então, o que se pode notar é que essa busca interminável por um padrão de beleza e uma identidade corporal idealizada não é algo natural ou necessariamente saudável; isso é uma construção discursiva que leva principalmente mulheres – pois são mais expostas a esse discurso – a competirem consigo mesmas e com outras mulheres para atingirem um corpo perfeito. De acordo com Hall, o significado surge não das coisas em si, mas a partir dos jogos da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas. “O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos” (1997, p.29), explica.

O discurso insidioso incita as mulheres a assumirem papéis e construir sonhos convenientes às narrativas do mito da beleza, levando-as a adotar como desejos próprios, as vontades alheias. Nota-se, portanto, que no núcleo das práticas culturais figuram modos particulares de olhar o corpo e o rosto feminino, modos que se reiteram e se reforçam em todos os domínios da publicidade, da televisão, do cinema e da Internet. (NEIRA; SANTOS JÚNIOR; SANTOS, 2009, p.107)

É necessário que o sujeito passe a questionar e ser ativo na transformação e na ressignificação desses padrões, pois, caso nada seja modificado, os grupos marginalizados nunca conseguirão ter voz e esses padrões – os quais trazem prejuízos a muitas mulheres e homens – se perpetuarão. Também é preciso educar as pessoas para que possam interpretar os discursos de uma forma diferente, com uma nova significação, pois os signos e discursos são interpretados dentro de um certo contexto social e cultural. Logo, para que exista mudança, é necessário um

questionamento desses padrões fixados, frisam Neira, Santos Júnior e Santos (2009). Seguindo esse raciocínio, os signos impressos no corpo são interpretados, também, a partir da experiência cultural de quem os lê. Um sorriso, uma piscada, um “dar de ombros”, usar batom, saia comprida, piercing e tatuagem, entre outros, recebem diferentes significados conforme o patrimônio disponível aos leitores e leitoras. “Consequentemente, também as formas de olhar o corpo feminino são internalizadas segundo os discursos e representações veiculados e, caso não sofram questionamentos, é bem possível que permaneçam enraizadas” (2009, p.105), ressaltam os autores supracitados.

2.2 Refletindo a Mídia

Ao analisar os meios midiáticos e a influência que exercem em crianças e jovens na atualidade, percebe-se que não existe uma mediação entre transmissor e receptor, que auxilie o indivíduo a refletir e questionar o que é propagado. As pessoas então são bombardeadas por informações de como devem ser, o que devem fazer, como devem se vestir e até mesmo o que devem comer, tudo isso para fazer parte de um grupo que detém boa parte dos privilégios dentro de certo sistema social e cultural. Seria necessário desenvolverem a capacidade de questionar esse modelo de sociedade; contudo, na maioria das vezes, não têm oportunidade de problematizar o que a mídia impõe. Por conta disso, a sociedade não está preparada para receber essas informações e questioná-las, acabando, portanto, por reproduzir os mesmos discursos, comprar as mesmas coisas e disseminar desigualdades. Esse cenário pode gerar grandes conflitos em algumas crianças e jovens, os quais possuem identidades diferentes daquela dita como o “modelo” a ser seguido.

É necessário que fique claro que os meios de comunicação, em sua maioria, servem às grandes empresas, as quais têm como maior objetivo o lucro; logo, a mídia não fará o papel pedagógico de ensinar como utilizá-la de uma maneira crítica. Ela empregará todas as estratégias possíveis para atingir seu objetivo principal: vender ideias e produtos que lhe tragam retorno financeiro e mantenha seus patrocinadores e corporações como detentores do poder de dizer o que se deve ser seguidas ou não. Como já abordado anteriormente, essa questão é percebida na

identidade corporal, pois se propaga, através dos discursos midiáticos, um padrão que só será atingido através da venda de produtos, cirurgias e tratamentos de beleza. Todavia, como salienta Monica Fantin (2011), as lógicas do sistema educacional são diferentes das do sistema comunicacional, havendo tensões, conflitos, resistências, riscos e equívocos na construção desse caminho.

Por mais que se fale que as atuais gerações de crianças e jovens cresceram com a TV, com o vídeo, com o controle remoto, e mais recentemente com computador e Internet, o entendimento a respeito das mudanças propiciadas pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), pelas mídias digitais e pelas redes sociais está longe de ser suficientemente problematizado na escola. (FANTIN, 2011, p.28)

Algo deve ser feito, então, para modificar essa constante tentativa da mídia de fixar certas identidades que apenas favorecem o mercado ao estimular o consumo de produtos, imagens, ideias etc., pois os meios de comunicação como internet e televisão dialogam com toda a população e toda sua diversidade social e cultural. As escolas precisam exercer um papel nessa mudança, trabalhando com as crianças e os jovens a fim de aumentar sua capacidade de questionar e interpretar as informações veiculadas ao grande público, possibilitando-lhes – de uma forma consciente e ativa – repelir e ressignificar discursos dentro do sistema de representação no qual estão inseridos. “A escola deve tornar-se, explícita e intencionalmente, mais um contexto de mediação que se interpõe entre os alunos e as mídias”, explica Betti (2003, p. 96).

Assim, pois, é papel da escola promover situações didáticas em que os discursos midiáticos sejam analisados, proporcionando a aprendizagem de como lidar ativamente, tendo oportunidade de questionar as informações recebidas por meio da mídia. Isso pode ser feito com professores e alunos, desconstruindo discursos hegemônicos, problematizando certas representações e ressignificando identidades tidas como superiores mediante vivências, instrumentos e materiais adequados, tornando mais crítica a relação entre sujeito e mídia, ampliando o questionamento de certas imposições culturais e sociais.

Cada vez mais, é imprescindível desenvolver com crianças e adolescentes posicionamento crítico em relação a aquisição da cultura elaborada, permitindo percorrer a apropriação, desapropriação e reapropriação do

saber, já que a educação pode de-formar, formar ou trans-formar. (ZYLBERBER, 2000, p. 60)

Assim como é função da Educação Física, na sua perspectiva cultural, proporcionar oportunidades em que os discursos verbais e não verbais acerca do corpo e das práticas corporais sejam desconstruídos e problematizados (Neira, 2018).

Desconstruir não é destruir, desconstruir requer procedimentos de análise do discurso “que pretendem mostrar as operações, os processos que estão implicados na formulação de narrativas tomadas como verdades, em geral, tidas como universais e inquestionáveis” (Costa, 2010, p. 140). Dito de outro modo, a desconstrução põe a nu as relações entre discurso e poder. (NEIRA, 2018, p.70)

Problematizar é uma postura pedagógica imanente ao currículo cultural da Educação Física (Santos, 2016). Implica destrinchar, escrutinar e desfamiliarizar o que está estabelecido. É enfrentamento das representações dominantes que permite compreender não só a manifestação em si, como também aqueles que a produzem e reproduzem. (NEIRA, 2018, p.64)

A existência de alguma forma de conversa ou debate é essencial para que esse não se torne somente mais um momento de contato com a mídia: tal atividade precisa ser um real momento de reflexão sobre aquilo que é colocado para a população - em especial para as crianças e jovens, os quais estão cada vez mais conectados com celulares e computadores.

3 IDENTIDADE E PRÁTICAS CORPORAIS

Após as discussões sobre identidade e diferença, a influência da mídia nessa construção e como a escola deve ajudar crianças e jovens a desconstruírem e problematizarem as imposições midiáticas, foram analisados alguns relatos de experiências pedagógicas no âmbito da Educação Física. Considerando o objetivo de que esse assunto seja questionado na escola a partir da utilização de recursos e vivências adequadas – de modo a compreender e modificar os problemas causados pela busca a um padrão pré-estabelecido de identidade corporal – buscando provocar a discussão, a pesquisa, a reflexão, não para introduzir “verdades” necessariamente, mas o método (ferramentas) e conhecimento para auxiliar na análise,, foram selecionados alguns relatos de projetos com estratégias para discutir o tema durante as aulas de Educação Física.

O método de estudo utilizado foi a Análise Documental – feita de uma forma crítica –, buscando informações de práticas no âmbito da Educação Física as quais pudessem auxiliar na discussão sobre identidade corporal e mídia.

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte "natural" de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.39)

As autoras Menga Lüdke e Marli André (1986) afirmam que “a escolha dos documentos não é aleatória. Há geralmente alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando a sua seleção.” Afirmam também que a investigação do conteúdo pode ser feita de diversas formas: uma palavra, uma sentença, um parágrafo ou o texto como um todo. Então, foram selecionados entre os relatos de experiência disponíveis no *website* do Grupo de Pesquisas em Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) títulos que chamassem atenção pela sua relação com a identidade corporal. Foram separados sete relatos, dos quais, após a leitura, foram escolhidos três devido à maior proximidade com o objetivo do presente

estudo, qual seja, discutir a identidade corporal e a influência midiática nesse processo.

Feita a escolha e a análise dos textos, segue a descrição dos relatos. Como explicam Lüdke e André (1986, p.42), “essas anotações, como um primeiro momento de classificação dos dados, podem incluir o tipo de fonte de informação, os tópicos ou temas tratados, o momento e o local das ocorrências, a natureza do material coletado etc.” Por fim, relacionam-se as informações obtidas nos documentos com o quadro teórico.

3.1 Tematizando a Ginástica

Intitulado de “A contribuição da ginástica para a (des)construção da identidade juvenil”, o relato do professor Arthur Muller é de um trabalho realizado no Colégio Marista Arquidiocesano. O professor realiza um momento de discussão sobre como as instituições tentam padronizar, moldar e controlar os corpos através de significados que são dados nas relações sociais. Ele concebe a escola como ambiente oportuno para analisar criticamente essas representações.

Diante da intenção de proporcionar aos estudantes as mais variadas informações, advindas das mais variadas fontes, para que consigam constituir suas próprias formas de ler e interpretar as coisas do mundo, devemos conceber o espaço escolar como o local propício para que os debates aconteçam de forma democrática, afinal, é no interior da escola que as mais diversas culturas estão representadas.

Então, utilizando-se de situações didáticas no universo da ginástica, ele pretende criar um posicionamento crítico, principalmente sobre alguns aspectos dessa prática corporal, “desde o apelo motor para execução dos movimentos característicos, até os padrões de beleza e estética exigidos pelos atletas”, ressalta. Segundo ele, isso “passou, também, pelos apelos midiáticos, transmissão dos campeonatos, os interesses mercadológicos”.

A tematização da ginástica teve início com o mapeamento dos saberes dos alunos, no qual aparecem, em maior parte, falas sobre a ginástica artística, pois é a

mais evidente na mídia. Depois desse momento, a turma foi dividida em grupos que pesquisaram sobre algumas práticas ginásticas mais antigas, como a sueca, a francesa e a inglesa. Após essa pesquisa, o professor propôs uma vivência das ginásticas mais antigas e, ao final, os alunos leram dois textos.

“A maquinaria escolar” e “Gramática espacial e a construção da identidade sociocultural da escola primária” proporcionou aos estudantes uma melhor compreensão sobre a produção da cultura material escolar (e a sua forma de controle sobre os corpos dos estudantes) e a forma como a escola foi se constituindo ao longo dos tempos, desde a sua criação (e seus principais objetivos da época de sua criação).

Na aula seguinte, com ajuda do professor de ginástica artística do contraturno e dois alunos que praticavam a modalidade, fizeram algumas vivências. Após todo esse trajeto, iniciou-se uma discussão sobre as vivências e o que pôde ser percebido. Um dos temas discutidos foi o padrão de beleza, discussão na qual os alunos relacionaram as aulas de Educação Física a um discurso sobre o corpo belo que é alcançado com alimentação saudável e prática de atividade física, mostrando que, se não forem debatidos, alguns padrões identitários são propagados também no interior da escola. Para finalizar, os estudantes produziram vídeos sobre o projeto, que foram apresentados durante a mostra cultural do colégio.

O professor relata que a ginástica artística é muito praticada na escola, a qual possui espaços apropriados. A ginástica é oferecida no contraturno para os alunos; entretanto, não são todos os que participam, pois, segundo o professor, parece haver uma identidade corporal ideal para frequentar as aulas da modalidade. Muller reflete sobre a questão:

Mesmo ofertada no contraturno a todos os estudantes, o que verificamos é a hegemonia de uma certa identidade corporal. Dito de outra forma parece existir um determinado padrão de corpo circulante nessas aulas. O que nos leva à seguinte reflexão: será que o estudante com outra silhueta não desejaria apropriar-se da gestualidade da ginástica artística? Será que ele ou ela também não querem se apresentar, exibindo as técnicas aprendidas na ginástica artística? Ao que tudo indica, tanto os acessos quanto a definição de justiça (no que se refere a oportunidades iguais para todos e todas) está um tanto quanto turva. E mais, a escola reforça essa visão.

Além disso, os alunos já diziam, como relatado anteriormente, que essa “ditadura do corpo” era propagada pela própria escola. Então, percebe-se como essa discussão é importante, porque até mesmo num espaço que deveria ser democrático, alguns alunos são colocados à margem de uma prática – a qual deveria ser para todos – pois não se encaixam nos padrões corporais idealizados.

Como visto no capítulo sobre identidade e diferença, dependendo da identidade corporal de determinada pessoa, ela se insere em um grupo que detém ou não os privilégios. Esse movimento fica claro neste relato, pois mesmo a ginástica sendo oferecida para todos, apenas alguns estudantes com certas características vão às aulas no período do contraturno. Isso mostra que algumas identidades estão em evidência dentro desse sistema. Além disso, apesar de se notar que os jovens trazem discursos e signos da mídia – como alimentação saudável e prática de atividade física – também relatam que os discursos sobre identidades corporais são propagados dentro da própria escola, o que é chamado por eles de “ditadura do corpo”.

O professor diz que é função da Educação Física cultural, por ser alinhada aos tempos pós-modernos, fazer essa discussão, promover o encontro de culturas, representações e grupos sociais. Segundo ele, é fundamental que os estudantes reconheçam dentro da escola um momento em que podem expor suas ideias de forma democrática, com base no reconhecimento das diferenças. Ele também comenta:

A Educação Física, quando culturalmente orientada, estimula a entrada e a circulação de informações advindas dos espaços e dos grupos mais controversos, exatamente porque não advoga em benefício de uma verdade absoluta. Pelo contrário, as chamadas verdades absolutas são veementemente contestadas e colocadas em xeque. Devemos, a todo momento, proporcionar aos estudantes, encontros (sejam eles com textos, áudios, pessoas, grupos sociais, linguagens, dentre tantos outros) que promovam cada vez mais a produção de novas significações, resultando nas mais variadas representações.

Retoma-se, ainda, o que foi explanado sobre identidades essencialistas e não essencialistas. Neste relato, Muller vai contra a forma essencialista que busca fixar singularidades e características no processo de formação de identidade e diferença,

buscando trazer instrumentos para que esse processo seja fluido e os indivíduos possam produzir significações a partir de informações de diversos locais.

Para concluir, Muller diz que os alunos fizeram registros ao longo das aulas para que pudesse ter, durante o processo, pistas sobre como os estudantes pensavam as práticas em curso. Ele explica:

A partir dessas informações, pudemos, por exemplo, realizar a entrevista e utilizar o ginásio de ginástica artística, ampliando os discursos e os conhecimentos sobre essa manifestação corporal. Para auxiliar, utilizamos fontes e informações advindas dos locais mais variados, desde uma matéria jornalística, até uma crendice pertencente a cultura popular.

3.2 Tematizando a Dança

O segundo relato tem o nome de “Transmutando as performances dos corpos: rebeldia e transgressões educacionais” de autoria de Flávio Nunes dos Santos Júnior e Vitor Nunes Quaresma. Trata de uma experiência realizada em uma escola municipal no Capão Redondo, região periférica da zona sul de São Paulo. A escola é descrita pelo professor “como bem rígida e tradicional, onde os corpos das crianças passam por uma fixação biológica em que só existe homem e mulher, designação dada de acordo com a genitália.” Nela, as crianças não têm liberdade para correr: funcionários são encarregados de monitorar a movimentação das crianças, inclusive durante o intervalo. Segundo os autores, as crianças tentam, às vezes, se libertar desse cerceamento, mas acabam sendo ainda mais prejudicadas com punições, como registros dos professores no caderno de ocorrências. Além de todos esses meios de controle, ainda existem câmeras vigiando corredores e salas. Por conta disso, “o horário de ir embora é o mais esperado e o mais libertador para as crianças”.

Para tentar modificar esse contexto e tornar o ambiente escolar mais agradável, os dois professores resolveram trazer para a escola as experiências de vida dos alunos. Isso não significou deixar os alunos livres para fazer o que bem entendessem, mas sim proporcionou uma experiência nova. Por estarem próximos ao mês de junho, decidiram usar como tema a dança, pois é uma prática habitual

dessa época devido às festas juninas. Contudo, discute-se no texto que essas festas costumam “ridicularizar o caipira e o sertanejo”, e o papel desse trabalho seria justamente quebrar com esse discurso:

A tematização da dança que se apresenta aqui busca rechaçar tal produção. Empreende um tratamento digno e coerente com aquilo que se apresenta na comunidade, na fala das estudantes, nos corpos que circulam, que se silenciam, aquilo que se manifesta nos pensamentos vazios, nas línguas que se vagueiam pelos corredores, recreios, trocas de aulas, entradas, saídas.

O primeiro momento da tematização da dança consistiu em mapear o que os alunos sabiam sobre ela e quais seriam os locais para se dançar. Depois disso, os professores pediram para que os alunos fizessem desenhos que envolvessem a dança. Nesse momento, perceberam que a maioria dos desenhos tinham corpos padronizados: “visualizamos os corpos postos dentro de uma condição binária, homem e mulher, um corpo higienizado, legitimado pela ciência médica moderna, representando sujeitas brancas, magras”, dizem. Esses padrões são aqueles que estão em uma posição superior nas relações de poder e aparecem mais na mídia, motivo o qual, segundo Santos Júnior e Quaresma, fez com que as crianças representem os corpos dessa forma. Isso confirma o que foi explorado anteriormente sobre a mídia ter papel determinante em propagar discursos e signos os quais colocam algumas identidades corporais em evidência, fazendo com que se considere esses corpos o padrão, o correto.

Em seguida, os professores decidiram debater um pouco sobre os desenhos e pediram para que os alunos dessem suas interpretações sobre os corpos representados. Logo após, utilizaram-se dos próprios meios midiáticos: vídeos de danças com corpos fora dos padrões identitários em evidência foram mostrados para os alunos. O objetivo da experiência era que houvesse uma reflexão, um choque que desestabilizasse os padrões os quais estavam fixados naquele grupo de estudantes. Santos Júnior e Quaresma explicam:

Projetamos vídeos de múltiplos corpos dançantes do corpo musical funk. Corpos negros e translesbichas. Corpos completamente desviantes dos padrões impostos pela sociedade e legitimados nas práticas da instituição escolar moderna. Corpos que racham a estrutura higienista e segregacionista. Corpos que sofrem a violência da arbitrariedade das

concepções psicobiologicistas de uma ciência masculina, europeia, branca e heteronormativa. Corpos que fissuram os dogmas racistas, machistas, misóginos, transfóbicos, xenofóbicos pregados pelas religiões cristãs, pela indústria mercadológica e pelas grandes mídias.

Nesse momento se nota a estratégia dos professores de desconstruir e problematizar a questão das identidades corporais, confrontando as identidades que estão em uma posição dominante, mostrando que isso não é algo natural e que é construído por discursos normalmente midiáticos, mas aqui, no caso, também pela escola e que existem outras formas de representar uma identidade corporal.

Com isso, continuaram na tematização de dança proposta, entrando também na tentativa de ressignificação de algumas identidades corporais. A apresentação dos vídeos gerou a reação esperada pelos professores: houve um certo choque geral na classe e os alunos saíram um pouco da sua zona de conforto durante o debate. Existiram alguns discursos preconceituosos em relação a danças performadas por pessoas LGBTQ, além de alguns estudantes terem se incomodado, pedindo para se retirarem da sala ou para que os professores tirassem o vídeo. Todavia, também surgiram falas de identificação tanto com a dança quanto com o estilo musical, pois o funk, por exemplo, está inserido na realidade da população periférica.

O trabalho mostra que mesmo as imagens exibindo pessoas cumprindo o papel proposto de se expressar através da dança, se a imagem corporal carrega signos que estão à margem daquele meio social e cultural, a pessoa também é excluída, sendo ridicularizada e transformada em objeto de deboche. Em outros momentos, as crianças não sabem como agir, como pode ser visto no relato, em que um garoto chora por ser comparado com um dançarino transgênero de um dos vídeos apresentados. O papel do professor e da escola se insere, pois, justamente nessa questão. Ambos devem, segundo os autores do relato, lutar contra essa fixação biológica e midiática, mostrar que existem outras possibilidades, outras culturas, outras identidades – e foi justamente isso que Santos Júnior e Quaresma fizeram durante a tematização da dança, tomando os vídeos como disparadores da discussão. E eles dizem:

Trouxemos esses vídeos justamente para provocar essa sensação em vocês, porque nos desenhos que produziram inicialmente não apareceram

esses corpos. Como vocês disseram em outra aula, tinha somente a representação de corpos magros, brancos, homem e mulher, cabelo liso. Daí a ideia de mostrar outros. Corpos que merecem viver assim como os nossos, porém sofrem violências físicas e verbais a todo o momento, como as que foram faladas no momento em que passava os vídeos.

Como visto na discussão inicial feita sobre identidade e diferença, através de relações de poder dentro de um sistema de representação, algumas identidades corporais são mais valorizadas e têm discursos positivos atrelados a elas, enquanto outras são marginalizadas e carregadas de discursos e signos negativos. Essa questão é notável no relato apresentado em diversos momentos: quando as crianças proferem discursos preconceituosos, quando pedem para o professor deixar de exibir o vídeo, no momento em que um dos estudantes se incomoda com o corpo que está sendo representado durante a dança. Isso mostra como, dentro desse sistema, as identidades não dominantes tendem a ser excluídas.

Depois da exibição de mais alguns vídeos de dança e de fragmentos de discussões das aulas anteriores, a sala ficou agitada. Então, os professores pegaram uma caixa de som e colocaram músicas de funk para que os alunos dançassem. A atividade acontecia na sala de leitura e após perceberem o quão limitados estavam pelo espaço, pelas mesas e pelas cadeiras, os alunos se dirigiram para um lugar maior, onde puderam performar suas danças. Ocorreram novos encontros nesse segundo espaço, nos quais os estudantes pediam músicas e mostravam uns para os outros os seus movimentos. Deu-se a interação da dança e dos corpos, afinal.

A festa junina teve o nome de “Evento Cultural” e foi construída coletivamente. No dia do evento, pediram para colocar o funk e os alunos dançaram à vontade as músicas do seu gosto, da sua realidade, da sua cultura. No dia seguinte houve uma conversa sobre todo o processo e a sua importância. Os alunos puderam expressar os sentimentos pela dança durante a tematização. Por fim, os professores refletem que deixaram passar algumas coisas devido à fala de uma aluna, que disse não dançar porque “os meninos ‘bate’ e ‘olha’ na nossa bunda”. Esse discurso, segundo o texto, “destruiu” os professores; entretanto, eles explicam: “as problematizações não se encerram neste momento, nem podem, temos ainda

muito a enfrenta”. Isso mostra que o trabalho pedagógico para desconstruir representações estereotipadas é ininterrupto.

Mesmo com todo discurso preconceituoso que surgiu durante as aulas, os professores conseguiram utilizar os instrumentos e as práticas adequadas para discutir e desconstruir alguns discursos midiáticos sobre o corpo, dando a possibilidade das crianças ressignificarem as identidades corporais.

3.3 Tematizando o Atletismo

O terceiro relato recebe o nome de “O que é corpo saudável? O que não é corpo saudável? E a cultura, fica onde?”. O projeto, de André Vieira, foi realizado na Escola Estadual Fernando Gasparian. Vieira iniciou seu trabalho com uma turma do 6º ano que estava sem aulas de Educação Física, pois o antigo professor havia pedido remoção da escola. O novo professor teve como proposta fazer da aula um momento de “conflitos e debates” e explica: “propus para as crianças uma mudança na Educação Física, deixar de ser matéria turística, passar a ser, discussão, conflito, e fazer o bicho pegar, a qual entenderá as diversas relações de poder como necessárias para a prática”.

Para começar a tematização, Vieira fez um mapeamento e os alunos disseram que o antigo professor tinha dado algumas aulas sobre atletismo. Então, propôs continuar esse tema. Inicialmente, fez alguns questionamentos sobre o que é o atletismo e quais as suas práticas e, em seguida, pediu para os alunos pesquisarem e anotarem em seus cadernos o que encontrassem.

Na aula seguinte, o professor identificou no discurso dos alunos uma representação do corpo saudável que o deixou preocupado. Por conta disso, resolveu que, juntamente com a prática do atletismo, discutiria a noção de corpo saudável com a turma. Alguns de seus estudantes disseram que esse assunto não possuía nenhuma ligação com o atletismo, mas Vieira insistiu, explicando que, no futuro, conseguiriam ver a conexão.

Depois de algumas aulas de vivências do atletismo, pediu para que os alunos recortassem imagens de revistas daquilo que entendiam como corpo saudável. As

crianças, então, selecionaram corpos magros, altos e brancos; o professor, vendo isso, pegou figuras de corpos com identidades marginalizadas para contrapor o discurso dos estudantes. No encontro seguinte, no momento da discussão, Vieira fez algumas perguntas: “quais corpos são saudáveis?”, “quais corpos não são saudáveis?”, “por que são saudáveis?”, “por que não são saudáveis?” As respostas das crianças relacionaram corpos saudáveis a dietas e prática de exercícios físicos. Pode-se notar aqui como o discurso biológico fixa um padrão, utilizando-se, nesse caso, de afirmações bastante propagadas pela mídia, as quais pregam que basta se alimentar bem e praticar exercícios para fazer parte da identidade corporal dita saudável.

A reação do professor foi levar algo que desestabilizasse essa ideia fixada de um padrão de beleza. Ele mostrou para as crianças 25 imagens de pessoas com identidades corporais não dominantes, como pessoas tatuadas e com modificações corporais. Isso gerou discussões dentro da sala de aula, sendo algumas imagens mais polêmicas do que outras. Quando mostrada a suspensão corporal, por exemplo, alguns consideraram a prática como algo doentio; nas imagens de corpos tatuados, com piercings e implantes subcutâneos, houve uma discussão sobre religião: alguns alunos apontaram como sendo coisas "do demônio", ao passo que Vieira os questionou sobre a possibilidade delas estarem inseridas em uma religião ou crença de uma tribo. Já nas imagens de escarificações e lutadores de sumô, não houve discussão, pois os alunos haviam estudado essas práticas anteriormente.

O professor levantou, então, a questão de uma modelo *plus size*, questionando-os se ela deveria ser enquadrada como modelo assim como aquelas magras presentes nos recortes de revista feitos pelos alunos nas aulas anteriores. Alguns utilizaram o argumento de que por estar acima do peso considerado “normal” para uma modelo, ela não poderia sê-lo – o que mostra como atuam as relações de poder para fixar identidades –, enquanto outros a defendiam, pois ela estava em uma passarela, signo que remete à profissão.

Com a intenção de quebrar esse essencialismo, o professor busca diversas formas de mostrar que em várias culturas e sociedades, o corpo saudável é visto de uma forma diferente. Como abordado anteriormente neste trabalho, uma identidade só é afirmada como superior ou inferior dentro de um certo sistema de

representação; logo, como na nossa cultura o padrão de corpo dominante é magro e atlético, os jovens estranharam ver corpos que fugissem a isso. Contudo, é papel do professor gerar esse desconforto, mostrando de uma maneira não essencialista que existem muitas variáveis para definir uma identidade e que ela nunca é fixa, pois a cultura e a sociedade não o são.

É possível observar também que mesmo a modelo *plus size* – algo que está dentro da nossa cultura – gera discussão, pois nas relações de poder que existem dentro de um sistema de representação, ela está à margem do que é considerado bonito e aceito por ser uma pessoa acima do peso “ideal”, fazendo que os alunos rejeitem essa identidade corporal em seus discursos.

Em uma aula posterior, Vieira levou a discussão sobre corpo para dentro do atletismo. Ele mostrou que para cada tipo de prova disputada por um atleta, o corpo precisa ter uma característica diferente. Portanto, não existe um corpo padrão a ser seguido, até mesmo dentro de uma representação cultural como o atletismo; o que existem são diferentes identidades corporais dependendo do sistema no qual se está inserido. As crianças demonstraram entender essas diferenças de identidade, como comenta o professor em dado momento no relato:

Ninguém falou nada, eu falei, olha o que aconteceu é que vocês estavam acostumados a ouvir falar que para ser saudável tem que ser de um determinado jeito, magro, alto, ser modelo, ter certo tipo de corpo. Mas este professor aqui, apresentou para vocês uma definição de corpo a partir da cultura, para vocês começarem a pensar o que nos leva a falar certas coisas sobre o corpo dos colegas e daqueles que não “se parecem com agente”.

Seguindo o plano, o professor entregou uma folha de papel para cada aluno e pediu que fizessem uma linha do tempo com o que havia acontecido até aquele momento no transcorrer da tematização do atletismo e na discussão de corpo saudável. Vieira esperava que os alunos apresentassem diferentes corpos, os quais haviam sido discutidos a partir da cultura, mas não observou essa desconstrução naquilo que lhe entregaram. As crianças colocaram questões presentes na cultura hegemônica, como alimentação, academia e prática de esportes, coisas que sequer foram tema de discussão em aula.

Com base nos Estudos Culturais, é possível concluir que falta um intermédio entre a informação veiculada pela mídia e seus receptores (as pessoas). Tais discursos e signos midiáticos exercem uma forte influência sob os jovens: mesmo o professor utilizando instrumentos e práticas para problematizar e desconstruir as identidades corporais dominantes, as significações anunciadas pelos alunos continuaram ser aquelas vistas nos meios de comunicação, e não aquelas discutidas em sala de aula, que pode ser explicado pelo maior tempo de exposição das crianças as mídias e pela, explicada anteriormente, Televisibilidade.

Ele percebeu que precisaria mudar a sua estratégia. Certo dia, ao chegar na sala e ver algumas meninas se maquiando, ele as questionou se aquilo tinha alguma conexão com as discussões sobre corpo saudável. As alunas disseram que não, mas ele argumentou citando os produtos de beleza anunciados na televisão. Por fim, pediu para que as crianças prestassem atenção nos programas de TV e nas revistas, a fim de perceberem qual corpo saudável era propagado por estes meios.

Começou-se a debater na aula seguinte quais corpos apareceram nessas mídias e se eram iguais aos corpos dos recortes de revista analisados nas aulas iniciais. Então, Vieira utilizou o exemplo dos diversos grupos que existem na escola, suas diferentes culturas e as relações de poder existentes entre eles.

Pedi que aproveitassem a hora do intervalo para verem os vários grupos que tem na escola, têm os roqueiros, pessoas que gostam de rap, funk, sertanejo, pop, as crianças mais velhas. Então, cada grupo tem a sua cultura, reparem como cada um se veste, se as pessoas destes grupos se vestem mais ou menos iguais, observem isso hoje. Por este motivo que a escola é um espaço de conflito, e cada grupo luta para mostrar e provar que a sua cultura é a melhor.

Em seguida, o professor explicou que a cultura se expressa através dos signos presentes nas roupas que cada grupo veste, na música que cada grupo escuta; assim, mostrou que as identidades – inclusive a do corpo saudável – são construídas através dos sistemas de representação.

Após a primeira estratégia não surtir o efeito desejado, o professor utiliza a marcação de identidades e diferenças no próprio ambiente escolar, tornando mais fácil a identificação por parte dos alunos. Isso demonstra, como expresso pelo autor

Tomaz Tadeu da Silva (2009), que a identidade e a diferença são mutuamente determinadas; logo, para se entender uma identidade, é necessário entender que ela só existe porque se difere de algo – e o professor marca muito bem isso quando pede para os alunos analisem os diferentes grupos dentro da escola.

Outra estratégia do professor foi mostrar um documentário que aborda a vida de quatro bebês nascidos em locais e culturas diferentes. Após a apresentação do vídeo, iniciou uma discussão com seus alunos sobre as diferenças culturais que existiam entre elas por serem criadas em culturas diferentes. Vieira acredita que, depois desse exercício, conseguiu atingir seu objetivo. Segundo ele, “Percebi que naquele momento as crianças começaram a entender que a cultura é determinante na construção do nosso corpo e de quem somos.”

Como último instrumento de discussão, o professor traz a própria mídia, representada pelo documentário dos bebês, para que eles possam juntos entender que as identidades são formadas dentro de certos sistemas de representações, definidos pela cultura que os envolve.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos nos dias atuais deixaram de caracterizar-se por diferenças de classe social, passando a assumirem uma conotação mais ampla, agora são conflitos de identidade. Isso acontece devido à fragmentação identitária e às incontáveis variações dentro de uma sociedade, levando as identidades a um constante embate para serem afirmadas; afinal, são constituídas em meio às relações de poder dentro de um sistema de representação, contexto social e cultural em que são forjadas. Os valores distintos normalmente são fixados e normalizados por um discurso no qual uma identidade é melhor e tem vantagens sobre as demais, para que certos grupos possam se manter como detentores do poder em detrimento dos outros.

Como explanado no presente trabalho, a principal forma de se propagar e afirmar essas identidades é a mídia, que, através da repetição de signos e discursos, acaba por estabelecer um regime de verdade que influencia a forma de agir e viver das pessoas inseridas nesse sistema. Devido à globalização e à alta velocidade de divulgação das informações – fruto das novas tecnologias e das redes sociais –, as identidades, antes diferenciadas pelas barreiras culturais entre os países, tornaram-se bem mais homogêneas, pois a distância virtual entre as sociedades praticamente não existe mais. A mídia é comandada por grandes organizações, muitas das quais possuem alcance mundial e espalham por todo o globo aquilo que deve ser tendência ou não. A estratégia vai além da manutenção de privilégios, promovendo, ainda, ideias através da venda de produtos e entretenimento.

Um bom exemplo disso é o “propagandeamento” dos ditos “corpos ideais”. A mídia enfatiza que se deve fazer de tudo para alcançar esse padrão de identidade corporal estabelecido, oferecendo para isso produtos, intervenções cirúrgicas e procedimentos estéticos, utilizando de justificativas de cunho médico e biológico – o que é a forma essencialista de definir uma identidade. Todos esses discursos induzem uma certa representação, cuja perseguição pode vir acompanhada de prejuízos físicos, mentais e financeiros para os sujeitos. Além de incansável, essa busca mostra-se interminável: os corpos idealizados propagados na mídia sofrem

alterações através de recursos tecnológicos, como a edição, para que não exista nenhuma dita “imperfeição”.

É preciso compreender, ainda, que ao estabelecer uma identidade corporal dominante, a mídia atua na sociedade como um todo, com sua pluralidade de pessoas e, portanto, identidades. Essa ação acaba por produzir grande desigualdade, estimulando preconceitos e exclusão social. Falta uma mediação entre o transmissor dos discursos (a mídia) e o receptor (a população) para que este possa lidar com as informações de maneira crítica, questionando as identidades dominantes, criando espaço e valorizando as diferenças. Essa foi a questão que o presente estudo discutiu. A escola – e, aqui, mais especificamente a Educação Física – precisa ter como papel mudar a forma dos indivíduos lidarem com as ferramentas midiáticas, utilizando-se de sistemas didáticos adequados com vivências, instrumentos e materiais que ajudem na desconstrução e na problematização dos discursos sobre a identidade corporal.

Usando como referencial empírico os relatos de professores de Educação Física que atuam na perspectiva cultural e, ao tematizar as práticas corporais, problematizaram os discursos que estabelecem uma determinada identidade corporal, conclui-se que este não é um movimento fácil, pois entram em conflito o conhecimento escolar e o conhecimento cotidiano. Viu-se, ainda, que as informações veiculadas pela mídia são, muitas vezes, mais interessantes para as crianças, que passam grande parte do dia expostas ao conteúdo midiático. As análises mostram que esse conjunto de fatores dificulta o trabalho do professor, pois além de trabalhar com o discurso midiático, também precisa compreender que a problematização e a desconstrução das representações anunciadas devem ser constantes no contato com seus estudantes.

Os relatos mostram, pois, que são várias as maneiras de fazê-lo nas aulas de Educação Física. O professor que tematizou a ginástica se utilizou, junto com a vivência, principalmente da discussão sobre as identidades corporais que estavam evidenciadas naquele sistema, que gerava exclusão de alguns alunos da prática da ginástica artística do contraturno. Para obter pistas de como os alunos pensavam as aulas, propôs fazer registros, que o levaram a buscar discursos mais variados com os alunos, fazendo entrevistas e buscando informações em diversos veículos. Na

tematização da dança e do atletismo os professores pediram aos alunos que representassem corpos dançando, no primeiro caso e corpos saudáveis no segundo. Emergiram o discurso e a representação de um corpo ideal padronizado e semelhante. Para problematizar e desconstruir, um professor propôs, além da vivência, a discussão por meio de vídeos de diferentes grupos identitários dançando e, ao fim, fizeram um evento cultural, que substituiu a festa junina, trazendo mais diversidade e liberdade para os alunos dançarem. Já na tematização do atletismo, o professor recorreu a fotos de diversas culturas para desestabilizar as representações dos alunos e gerar discussões. Usou também registros para analisar as percepções dos alunos. Quando percebeu que a estratégia não estava funcionando, empregou um documentário e exemplos de diversas identidades corporais que poderiam ser encontradas na própria escola, gerando mais discussões e, com isso, acabou por facilitar o entendimento dos alunos.

A partir da análise dos relatos de experiência, o presente trabalho identifica possibilidades para se abordar e promover conversas com os alunos sobre as influências midiáticas sobre a identidade corporal às quais estão submetidos. A análise dos documentos pedagógicos apresenta diversas ideias de como tematizar algumas práticas corporais a partir da discussão sobre os discursos que as envolvem, a fim de tornar o ambiente escolar um momento de reflexão, objetivo final deste estudo. O porquê de um corpo aparecer mais que o outro nas representações expressadas pelas crianças, o porquê de um corpo estar inserido em determinada prática enquanto o outro não está, o porquê de um corpo ser visto como saudável e o outro não: todos são debates de extrema importância, os quais podem e devem ser feitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro. **Imagem e ação**: a televisão e a Educação Física escolar. In: _____. (Org.). Educação Física e mídia: novos olhares outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 91-137.

BIERNATZKI, Willian. Globalização da comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 7, n. 19, p.46-65, set./dez., 2000.

FANTIN, Monica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./abr., 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.15-46, jul./dez., 1997.

KONDRATIUK, Carolina Chagas; NEIRA, Marcos Garcia. Juventude e beleza ao alcance de todas: análise dos discursos midiáticos sobre o corpo feminino. **Revista Intersecções**: revista de estudos sobre práticas discursivas e textuais, Jundiaí, v. 3, p. 170-188, 2013.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU;1986.

NEIRA, Marcos Garcia, **Educação física cultural**: inspiração e prática pedagógica. Jundiaí [SP]: Paco, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia; SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge e SANTOS, Ana Paula da Silva. Corpo feminino na TV: reflexões necessárias no âmbito da Educação Física escolar. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 7, n. 2, p. 97-113, maio/ago., 2009.

SANT'ANNA, Denise Benuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9.ed - Petrópolis: Vozes, p.73-102, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9.ed - Petrópolis: Vozes, p.07-72, 2009.

ZYLBERBERG, Tatiana Passos. A internet como uma possibilidade do mundo da (in)formação sobre a cultura corporal. In: BETTI, Mauro. (Org.). **Educação Física e mídia**: novos olhares outras práticas. São Paulo: Hucitec, p. 45-70, 2003.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA CONSULTADOS

MÜLLER, Arthur. **A contribuição da ginástica para a (des)construção da identidade juvenil.** Colégio Arquidiocesano, São Paulo, SP. Disponível em <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/arthur_02> Acesso em 26 out. 2018.

SANTOS JÚNIOR, Flavio Nunes; QUARESMA, Vitor Nunes. **Transmutando as performances dos corpos: rebeldias e transgressões educacionais.** EMEF Maria Rita de Cássio Pinheiro Simões Braga. São Paulo, SP. Disponível em <http://www.gpef.fe.usp.br/semef2018/Relatos/flavio_vitor.pdf> Acesso em 26 out. 2018.

VIEIRA, André L. S. **O que é corpo saudável? O que não é corpo saudável? E a cultura, fica onde?** EE Fernando Gasparian, São Paulo, SP. Disponível em <<http://www.gpef.fe.usp.br/teses/Relato%20Andre%20Vieira.pdf>> Acesso em 26 out. 2018.